

SEÇÃO VISUALIDADES

**Nós Na rua:
contrastes e perspectivas**

**Us on the street:
contrasts and perspectives**

**Nosotros en la calle:
contrastes y perspectivas**

 [Beatriz Carvalhal Berla do Vale¹](#)
Universidade Federal Fluminense (UFF),
Rio de Janeiro, Brasil
e-mail: berladovale@gmail.com

A subjetividade como objeto de estudo

Vivemos em uma realidade marcada pelo excesso de estímulos e informações que fragmentam nossa percepção e dificultam a compreensão das relações mais profundas entre sociedade e espaço (Santos, 2021). No contexto urbano, essa fragmentação se intensifica e se reflete na sobreposição de camadas visíveis e invisíveis da realidade, nas quais coexistem desigualdades materiais e experiências subjetivas. Aqui, os contrastes são lidos como expressões do território, este marcado por desigualdades espaciais e dinâmicas de poder, enquanto as perspectivas remetem à dimensão do lugar que se constrói na relação sensível e vivida com o espaço (Tuan, 2018).

A fotografia, ao capturar um instante específico, não apenas registra a materialidade do espaço, mas também instiga a reflexão sobre suas dinâmicas socioespaciais e simbólicas. Essa abordagem se insere no contexto da Virada Visual da Geografia, movimento que, de acordo com Hollman e Lois (2015), amplia o uso da imagem para além de seu emprego como recurso ilustrativo, reconhecendo-a como objeto de estudo que permite questionar as múltiplas formas de produção do espaço. Essas mesmas autoras propõem uma análise crítica que, além de

¹ Bacharel e Licenciada em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente cursa o mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense (POSGEO/UFF).



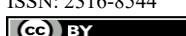
observar o que está registrado, também considera o contexto e as escolhas do autor, destacando a importância de se interrogar o processo de obtenção da imagem e os elementos subjetivos que a constituem (Hollman; Lois, 2015). No espaço público, essas interações se intensificam (Costa Gomes, 2013), uma vez que cada corpo presente nele, visível ou não, carrega histórias, exclusões e pertencimentos que moldam sua relação com o espaço.

Justificativa

Se a fotografia pode não apenas registrar, mas também questionar o espaço e as relações que o moldam, torna-se essencial considerar a subjetividade envolvida tanto na captura quanto na composição das imagens. Este ensaio adota uma abordagem visual e textual para analisar a produção do espaço utilizando a fotografia como ferramenta metodológica e objeto de reflexão crítica. Busca-se contribuir para o debate sobre a produção do espaço ao integrar camadas subjetivas às discussões sobre materialidade e organização socioespacial. Além da contribuição teórica, este esforço justifica-se pelo potencial da fotografia como um meio de dar visibilidade às relações entre corpo e espaço, ampliando a compreensão para além das grandes estruturas e evidenciando as experiências individuais que compõem o tecido urbano e rural.

Cada fotografia é acompanhada por uma breve descrição e um texto reflexivo curto, nos quais o enquadramento, o momento e o tom revelam contrastes espaciais e evidenciam tanto a singularidade das experiências nos espaços retratados quanto a subjetividade do olhar que os captura. As reflexões transitam entre a poesia e a crítica, sugerindo questionamentos que entrelaçam desigualdades materiais, vivências individuais e a intencionalidade da autoria. Assim, o ensaio não pretende apresentar conclusões fechadas, mas convidar o leitor a construir sua própria interpretação crítica, interrogando o espaço como experiência e conectando as escalas geográficas às vivências internas de cada corpo.

As imagens, registradas entre 2016 e 2023 em contextos espaciais distintos — Estados Unidos, Brasil e Índia — foram inicialmente capturadas fora de um contexto acadêmico. No entanto, ao revisá-las à luz do pensamento geográfico e de autores como Santos, Tuan e Han, essas imagens se conectam a um debate mais amplo sobre espaço e subjetividade. As reflexões que as acompanham combinam referenciais teóricos com considerações pessoais, como no caso



Ensaios de Geografia

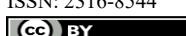
Essays of Geography | POSGEO-UFF

da Figura 4, da vila *Dalit*, cujas observações e interações diretas com moradores que falavam inglês informam a descrição.

A sequência das nove imagens segue um ordenamento pensado para guiar a reflexão. A primeira problematiza o papel de cada corpo em um mundo saturado de estímulos, enquanto relembra, em primeira pessoa, a subjetividade da autoria. Em seguida, duas imagens sinalizam contrastes urbanos, destacando desigualdades visíveis e dinâmicas invisíveis que estruturam a experiência do espaço. A Figura 4 amplia a análise para o espaço rural, mas sugere que os distanciamentos podem passar despercebidos por uma mirada superficial. As duas fotografias subsequentes adentram a relação entre o espaço e a subjetividade de cada corpo, indicando que o espaço é atravessado por ações individuais e coletivas. As duas últimas tratam de esperanças que emergem da relação entre território, paisagem e lugar. O ensaio se encerra com uma perspectiva ampliada sobre as contradições e fragilidades da materialidade, convidando à reflexão sobre a existência humana. Dessa maneira, retorna-se ao ponto de partida: a subjetividade, evocando o olhar coletivo para as diferentes dimensões que atravessam e compõem cada corpo.

Para enriquecer a experiência interpretativa, sugerimos a música *Eu na Rua*, de Antonio Pinto, que serviu como inspiração para o título deste ensaio. A canção é trilha sonora do filme *Nine Days* (Nove Dias), escrito e dirigido pelo brasileiro Edson Oda, filme este que explora temas como a visão do mundo através dos olhos de outras pessoas, a escolha de quem terá a chance de viver e a esperança como alternativa em um cenário de injustiças — questões que ressoam com os temas deste ensaio e acompanham o ordenamento das imagens. A letra da música acompanha a última fotografia.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
DO VALE, Beatriz Carvalhal Berla. Nós na rua: contrastes e perspectivas. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122514, 2025.
Submissão em: 22/11/2024. Aceito em: 09/05/2025.
ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

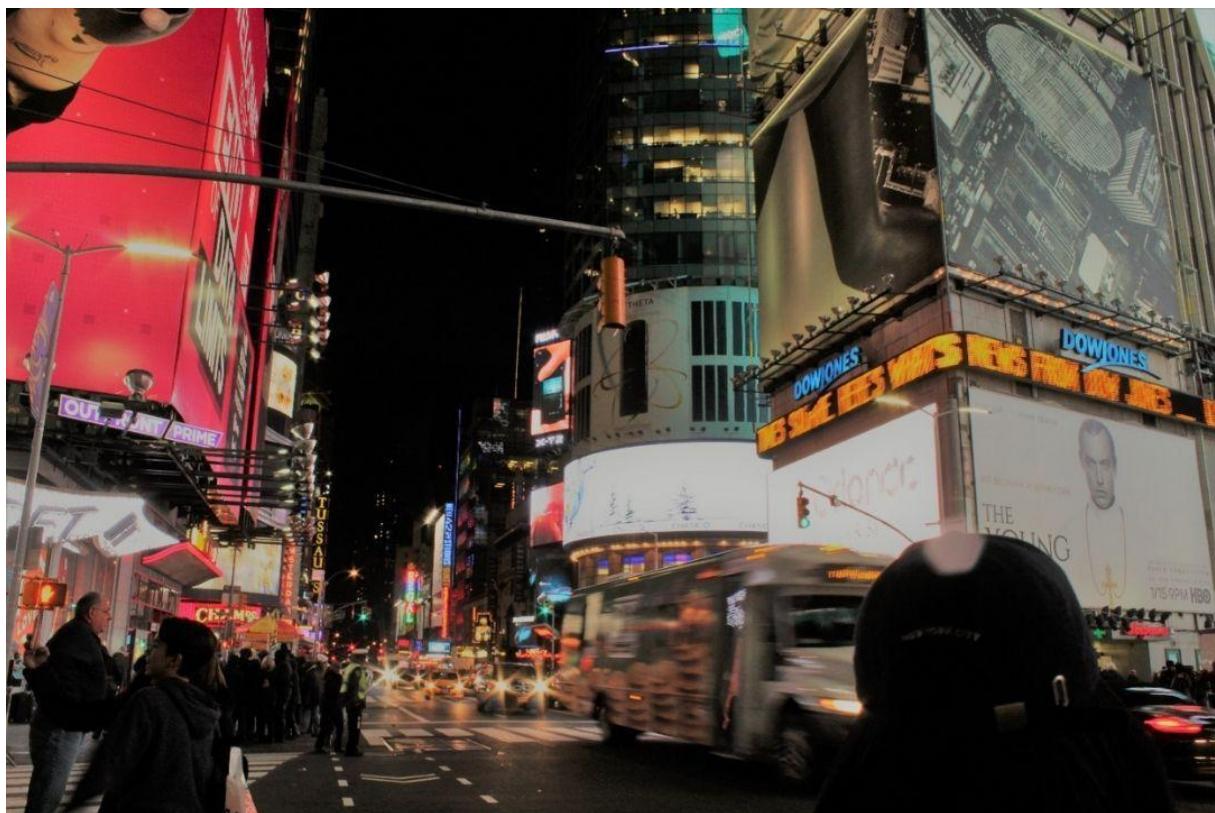


Figura 1. Times Square, Nova York: painéis luminosos dominam a cena, contrastando com silhuetas de pedestres vestidos de preto. Carros em movimento aparecem desfocados, enquanto os faróis estouram em meio ao excesso de luz. Nova York, Estados Unidos, 28 nov. 2016. Fonte: autoria própria.

Primeira pessoa.

Realmente sinto a dificuldade de focar. As tantas luzes, imagens e corpos nos painéis acima de mim chamam a minha atenção. Eles precisam da minha atenção para estarem ali, sem meu olhar, eles não têm sentido de existir. Dessa maneira, sendo expectador, também sou ator essencial nesse espetáculo. Assim como as milhares de pessoas que passam ali todos os dias. E quem são essas pessoas que são tão importantes quanto eu? Não sei. Como poderia notá-las se é para as telas que direciono o olhar? Se são as luzes que fazem os olhos brilharem? Eu, que deveria ser até diretor, passo a mero consumidor deste encenar.



Figura 2: Vista do Morro da Conceição, Rio de Janeiro, abrangendo da Central do Brasil ao Morro da Providência. No primeiro plano, bananeiras e árvores emolduram a cena discretamente; ao fundo, o maciço da Tijuca. Entre esses extremos, a paisagem urbana se desenha em construções de diferentes estilos.

Rio de Janeiro, Brasil, 6 jul. 2017. Fonte: autoria própria.

Entre montanhas, mangues, águas doces e salgadas, a cidade foi construindo suas peculiaridades, contrastando o novo com o antigo, o rico com o pobre, a natureza com o concreto, o morro com o asfalto. A violência histórica permeia a urbanização, especulando alguns solos enquanto marginaliza outros, privilegiando certos sujeitos enquanto subalterniza outros, concretizando-se nas disparidades do espaço e nas tensões sociais. Mas, ao lado da herança de uma amarga historicidade, também pulsa uma cultura latente, tecendo cotidiano e resistência entre as fissuras da cidade.



Figura 3: Ciclovia na Avenida Paulista, São Paulo. Um ciclista, entregador de aplicativo, ocupa a faixa central. Carros e edifícios altos em tons de cinza margeiam a cena.
São Paulo, Brasil, 3 dez. 2019. Fonte: autoria própria.

A sociedade do cansaço (Han, 2015) transforma a liberdade numa corrida sem fim. Vende-se a ideia de que tudo é possível, basta empenhar-se e produzir sem parar — mercadorias, informações, necessidades. Enquanto isso, a desigualdade persiste, agora vestida de autoexploração, enquanto os privilégios são mantidos. A urbanização se inscreve no contraste: a precarização do trabalho convive com a especulação do solo urbano. Percorre-se a cidade como se a jornada fosse autônoma, mas o caminho já está traçado por um mapa invisível de expectativas vendidas.



Figura 4: Estrada de terra cortando a paisagem e separando duas vilas rurais em Pudukkottai, Tamil Nadu. Pudukkottai, Índia, 11 fev. 2020. Fonte: autoria própria.

Muito mais que uma estrada. Abandona-se o asfalto para pisar na terra seca. À esquerda, casas muradas, com quintais vastos, onde uma ou duas vacas pastam. À direita, casas pequenas e sem muros para separar o que se confunde com o próximo. Algumas são coloridas, de pais cujos filhos partiram para a cidade. Outras, de um único cômodo, abrigam famílias inteiras sem sequer um banheiro. O espaço conta a história de uma hierarquia antiga, revelando a separação. À direita se localiza uma vila *Dalit*, onde o que une as pessoas é a condição comum de pertencerem a um grupo cujo toque a sociedade rejeita. Os “intocáveis” nem uma casta são — estão abaixo do que o sistema reconhece. Embora esse sistema tenha sido abolido por lei, sua sombra permanece, especialmente nos recantos mais tradicionais. Nessa estrada, as marcas da exclusão e desigualdade continuam a delinear limites visíveis e invisíveis, se estendendo do território à negação do toque e da troca de olhares. É a geografia do corpo, da identidade, e da perpetuação de um sistema que persiste nos recantos das cidades e das estradas de terra.



Figura 5: Em primeiro plano, uma mulher vestindo tons frios varre o chão do Patrika Gate, em Jaipur, Rajasthan. Na parte superior, o monumento turístico se destaca com paredes e arcos adornados em artes coloridas.
Jaipur, Índia, 11 de fev. 2021. Fonte: autoria própria.

Quando se iniciou a separação? A separação entre o produto e quem o produz, entre quem cuida e quem usufrui? Essas divisões, enraizadas em causas históricas e políticas, se estendem no tempo e encontram no espaço sua mediação e materialização. No entanto, no campo da subjetividade, questiona-se: qual parte, em cada ser, ainda alimenta esse abismo? Onde nasce, no íntimo de cada corpo, a aceitação silenciosa de um mundo que dissocia o trabalho do direito de vivenciar o que ele constrói? O que persiste no mundo existe porque ainda habita no ser.



Figura 6: Em um centro comercial em Jaipur, Rajasthan, mulheres vestem roupas coloridas, algumas com lenços na cabeça e máscaras. Jaipur, Índia, 9 de fev. 2021. Fonte: autoria própria.

Mesmo em tempos de pandemia, a atmosfera pode carregar algo até mais letal que um vírus: a homogeneização da experiência humana. Como único ambiente feito por e para humanos (Tuan, 1975), a cidade se constrói além da sua materialidade, pulsando significados e subjetividades. Cada indivíduo, um lugar e um mundo (Santos, 1996). A leitura do território revela a organização das relações sociais, enquanto a complexidade de cada corpo gera dinâmicas de interação e pertencimento, constituindo lugares. Para cada um, o espaço urbano é tanto um reflexo da sua singularidade, ao imprimir ali fragmentos de si, como condição para tal existir.

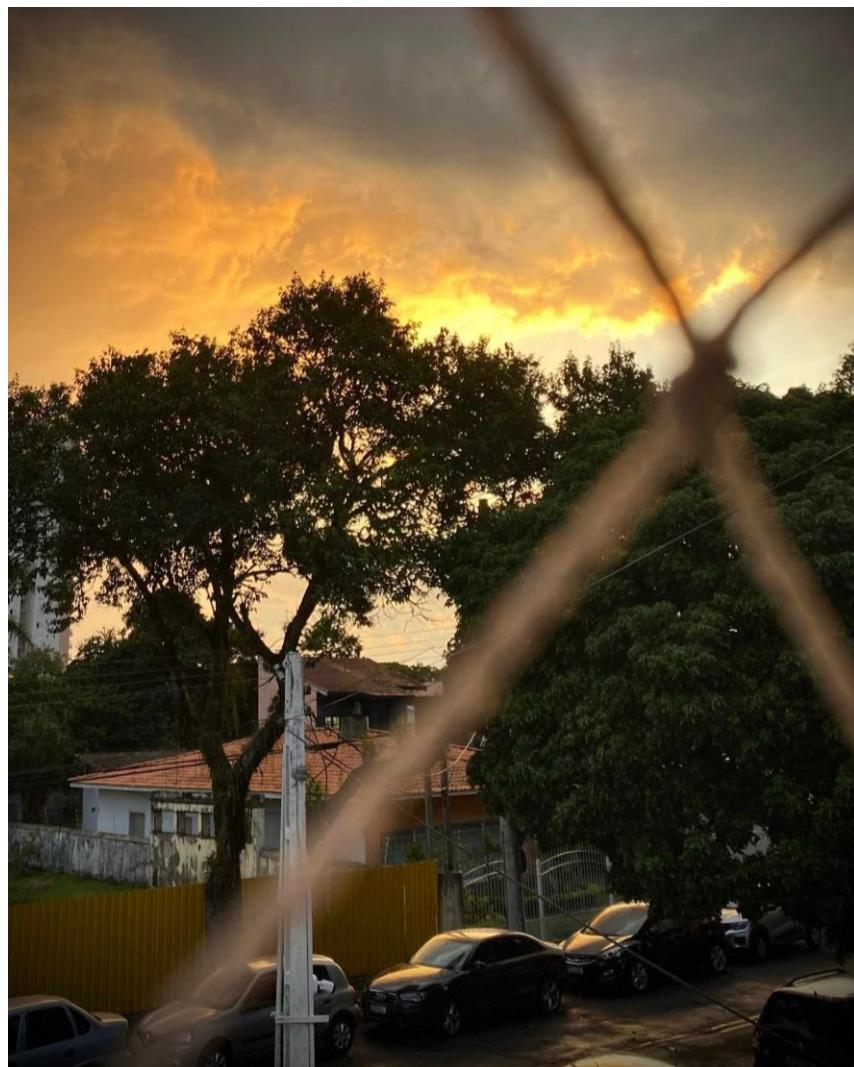


Figura 7: Vista do interior de uma residência. Em primeiro plano, uma grade desfocada; ao fundo, carros e árvores em tons escuros sob um céu alaranjado e acinzentado de entardecer.
São José dos Campos, Brasil, 21 nov. 2023. Fonte: autoria própria.

Há prisões visíveis e invisíveis ao redor de cada ser. Há prisões invisíveis dentro de cada ser. Se existir coragem e humildade para admitir essas existências, admite-se também a possibilidade de sua antítese: a beleza das sutilezas e a grandiosidade da esperança no horizonte. Há luz mesmo em espaços limitados e, talvez, seja nos pequenos vislumbres de infinito que reside a maior chance de sobreviver às amarras do passado.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
DO VALE, Beatriz Carvalhal Berla. Nós na rua: contrastes e perspectivas. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122514, 2025.
Submissão em: 22/11/2024. Aceito em: 09/05/2025.
ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons



Figura 8: É domingo. Do interior de um velho ônibus, uma menina segura a barra da janela enquanto olha para fora. A paisagem além do vidro está desfocada, mas reflete a cor verde do parque que se aproxima.
Mumbai, Índia, 27. jan. 2020. Fonte: autoria própria.

Um olhar que atravessa limites, enxerga um mundo além das barreiras. As pequenas mãos são contidas pelas grades, simbolizando o presente condicionado, porém ignorado, pois o olhar se lança ao que está por vir e carrega o que ainda não foi reprimido: a alegria de ansiar pelo que vem à frente. Ela vê o que muitos deixaram de perceber: as possibilidades do ordinário. A infância pode também inspirar: por ainda desconhecer as fronteiras a serem atravessadas, convida à descoberta, à possibilidade e à pureza da esperança que ainda se expressa.



Figura 9: Fotografia tirada do convés da balsa para Staten Island. Em primeiro plano, na parte superior, uma gaivota olha para baixo. Abaixo, o mar se estende até o horizonte, onde a silhueta de Nova York se ergue ao fundo, com a Estátua da Liberdade no centro. Nova York, Estados Unidos, 1 jan. 2017. Fonte: autoria própria.

Vento frio da travessia, barulho ritmado da água contra a embarcação. No alto, uma gaivota paira, indiferente ao frenesi urbano que pulsa atrás dela. Para onde se volta seu olhar: para a cidade que se impõe ou para o vazio que ela tenta preencher?

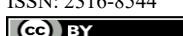
Olhando de cima, refletimos se grande parte disso não passa de uma expressão de profunda carência interna. A liberdade é filha da simplicidade; a acumulação, do vazio da existência.

Eu na Rua (Pinto, 2020):

Como gaivota, estás perdido em alto mar
O silêncio toca e que acaba de chegar
Passa o tempo
E me esqueço onde estou
São as cores minhas dores, que eu quero encontrar

[Refrão]
Eu na rua

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
DO VALE, Beatriz Carvalhal Berla. Nós na rua: contrastes e perspectivas. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122514, 2025.
Submissão em: 22/11/2024. Aceito em: 09/05/2025.
ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Me despeço com um beijo e te convido a passear
Eu na rua
Me despeço com um beijo e te convido a passear

Como gaivota, estás perdido em alto mar
O silêncio toca e que acaba de chegar
Teu sorriso ilumina a solidão
Me conduz há esperança
Quando penso que não estás
Passa o tempo
E me esqueço onde estou
São as cores minhas dores, que eu quero encontrar

Os sabores que me restam encontrar
Estão brincando em minha mente quando eu penso que não estás
Tuas mãos se despedem ao passar
Tendo a vida que sonhavas nessa terra e nesse mar

[Refrão]

Referências

COSTA GOMES, P. C. da. **O lugar do olhar:** elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

HAN, B-C. **Sociedade do Cansaço.** Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

HOLLMAN, V.; LOIS, C. **Geo-grafias.** Imágenes e instrucción visual en la geografía escolar. Buenos Aires: Paidós.

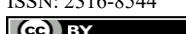
PINTO, A. **Eu na Rua.** Trilha sonora do filme Nine Days. Estados Unidos: Sony Music Entertainment, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2oORHRQdUNU>. Acesso em: 19 nov. 2024.

SANTOS, M. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 32. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2021.

TUAN, Y-F. Lugar: uma perspectiva experiencial. **Geograficidade**, v. 8, n. 1, p. 4-15, 2018.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
DO VALE, Beatriz Carvalhal Berla. Nós na rua: contrastes e perspectivas. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122514, 2025.
Submissão em: 22/11/2024. Aceito em: 09/05/2025.
ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons